

# ANÁLISE DOS GESTOS ENFÁTICOS E RELAÇÃO COM O CONTEÚDO VERBAL EM DISCURSO POLÍTICO: PATRICE TALON VS EMMANUEL MACRON

Alban Aminou Zossou<sup>1</sup>

albanling2015@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

**RESUMO.** O intuito deste artigo é, a partir de abordagens teóricas, analisar qualitativamente os gestos enfáticos no discurso político, ou seja, os gestos que expressam maior força ilocutória, através da comparação entre as intervenções dos presidentes Patrice Talon e Emmanuel Macron na Conferência de Imprensa dada durante a visita de trabalho do presidente francês no Benim, no dia 27 de julho de 2022. O trabalho é relevante por possibilitar o entendimento de como, no discurso, a gestualidade contribui, não só para a expressão do forte envolvimento e convicção argumentativa, mas também para o impacto do discurso sobre os ouvintes/observadores.

**PALAVRAS-CHAVE.** Gestos enfáticos. Discurso político. Gestualidade. Patrice Talon. Emanuel Macron. Orientação do olhar (*gaze*).

**ABSTRACT.** The aim of this article is a qualitative analysis, based on theoretical approaches, of the illocutionary force of gestures in political discourse, i.e. which gestures express greater illocutionary force, which will be carried out through the comparison of the speeches of Presidents Patrice Talon and Emmanuel Macron at the Press Conference given during the President's working visit to Benin on July 27<sup>th</sup> 2022. The work is relevant for enabling the understanding of how, in discourse, gestures contribute not only to the expression of strong involvement and argumentative conviction but also to the impact of the discourse on listeners/observers.

**KEYWORDS.** Emphatic gestures. Political discourse. Gesture. Patrice Talon. Emmanuel Macron. Eye orientation (*gaze*).

---

<sup>1</sup> Estudante do 2.º ano do 3.º Ciclo de Estudos em Ciências da Linguagem - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Volume 12 | N.º 2 | 2023 | <https://ojs.lettras.up.pt/index.php/elingUP/>

DOI: [https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12\\_2a4](https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12_2a4)

## 1. Introdução

Pela sua natureza intrínseca à linguagem, os gestos fazem parte do discurso oral de qualquer indivíduo, em qualquer parte do mundo, em qualquer comunidade linguística. Como parte do enunciado, os gestos do discurso expressam propósitos comunicativos do falante e, em muitos contextos, sobretudo num discurso de influência, não só fornecem ao interlocutor pistas de interpretação da mensagem entendida pelo falante, mas também possuem uma força ilocutória importante, conforme afirma Gumperz (2002).

Pretende-se aqui apresentar, a partir da análise de gestos (Calbris 2003, Kendon 2013, McNeil 1992), o cenário das intervenções do presidente da República do Benim, Patrice Talon, e do presidente de França, Emmanuel Macron, ocorridas no dia 27 de julho em Cotonou, na visita de trabalho do presidente francês, e averiguar como os gestos que acompanharam o discurso proclamado por cada um dos presidentes foram determinantes para cumprir um propósito ilocutório.

Nos capítulos que se seguem, serão explorados, em primeiro lugar, alguns fundamentos teóricos sobre os gestos que acompanham o discurso, ou seja, os gestos co-verbais (Kendon 2013, McNeill 1992), com maior ênfase nos gestos enfáticos no discurso político (Calbris 2003). Passa-se, em seguida, à parte prática de trabalho, que consiste numa breve descrição do *corpus* e na análise dos dados.

## 2. Algumas abordagens teóricas sobre gesto e gestualidade

### 2.1. Gestos e gestualidade

Os gestos, no sentido lato, são os movimentos de diversas partes do corpo que estão envolvidos na produção do enunciado, como a orientação do olhar, os movimentos do torso e da cabeça e, ainda, as expressões faciais. No sentido mais restrito, são os movimentos executados pelos membros superiores (braços, mãos e dedos), razão pela qual são muitas vezes designados por gestos manuais. Pelas suas propriedades físicas e representação neurológica, são a modalidade mais precisa entre todas as que acompanham a fala, à qual estão intrinsecamente ligadas.

Como tal, os gestos representam uma fonte de informação comunicativa num discurso, por exemplo, complementam, contradizem ou modificam significados, e organizam e marcam partes do discurso como mais ou menos importantes (cf. Kendon 2004). Além de ajudarem o falante a dar precisão de sentido ao que diz, também orientam o ouvinte na interpretação da mensagem do falante (cf. Kendon 2013).

A importância dos gestos é tão impactante que Vezali (2012: 4) destaca:

O “dizer”, a interação e o compartilhamento de cultura e conhecimentos pelas diversas linguagens (inclusive a língua) tomam um sentido a partir do corpo como entrecruzamento de uma inscrição histórico-cultural, que pode ser dada pelo corpo de cada um, como pela particularidade da situação, com uma experiência atual sempre ocorrida no presente.

Assim, o que se diz ganha sentido a partir dos gestos manuais e dos movimentos de outras partes do corpo envolvidas na produção do enunciado. Precisamente por reforçarem, complementarem ou modificarem o que é dito por palavras, e por estarem intrínseca e espontaneamente envolvidos na produção verbal, os gestos constituem a parte visível do enunciado, sendo elementos essenciais na produção de sentido (Kendon 2004, 2013).

Considerando o conjunto de todos os movimentos que estão envolvidos nas sequências de enunciados do discurso, que se refere aqui também por gestualidade, pode constatar-se que os grandes segmentos são sustentados pela mudança contínua de postura ou por novas orientações de cabeça ou padrões repetidos dos movimentos da cabeça. Os menores segmentos do discurso são sustentados por movimentos de fases mais curtas, como, por exemplo, mudanças de configuração de mãos e dedos, expressões faciais, um encolher de ombros, acenos e abanos da cabeça (cf. Calbris 1998). Pode até sugerir-se que, à semelhança da prosódia, a gesticulação marca as relações sintáticas da frase.

A orientação do olhar enquadra-se nos gestos deícticos, por inferir intenções comunicativas marcadamente expressas, a partir de um “processo de interpretação situado ou estabelecido no contexto”, segundo Oliveira e Pereira (2016), tanto para o falante, quanto para o interlocutor. Assim, a orientação do olhar integra a lógica do postulado teórico de “contextualização” e de “inferência” (Gumperz 2002, Blom & Gumperz 2002). Tal teoria, como realça Galhano-Rodrigues (2003), estipula a observação de pistas de diversas modalidades não referenciais e não-lexicais usadas pelos falantes para contextualizar e interpretar as suas intenções comunicativas na atividade interacional. De acordo com o mesmo raciocínio, a orientação do olhar, sendo um elemento necessário para a interpretação, desempenha também uma função de monitorização do ouvinte. Com efeito, ao olhar, o falante

pode monitorar o ouvinte e ter informações acerca de suas possíveis interpretações sobre o que o locutor está a dizer. Todo esse leque de elementos constitui as estratégias de comunicação.

Para o presente estudo, definimos a orientação do olhar em duas categorias: curta duração e longa duração. Dessa forma, a denominação ‘curta duração’ refere-se ao tempo que o gesto levou para ser realizado, desde a posição inicial até pousar o olhar sobre o outro interlocutor (McNeill 1992, Galhano-Rodrigues 2006). Neste caso específico dos gestos de curta duração, o tempo foi medido a *um segundo*. A realização do gesto que ultrapassa um segundo para atingir o seu objetivo foi classificada, para a análise, na categoria ‘longa duração’, como é o caso, por exemplo, do gesto de girar a cabeça 90° em mais de um segundo.

Como neste estudo se considera o discurso como sendo formado por modalidades visíveis e audíveis, torna-se necessário analisar tanto a fala quanto os gestos enfáticos dos oradores. Esses gestos têm como propósito reforçar a semântica do que foi dito, mostrando ao interlocutor que aquilo que foi dito é importante (Nogueira & Almeida 2002: 64), ou atribuir uma conotação de maior importância a um elemento específico dentro do discurso, suscitando o interesse do interlocutor a prestar atenção naquele elemento, devido à sua importância (Santos & Galvão 2012: 105). A relevância das ideias no momento do olhar dos presidentes vem, por um lado, da complexidade de olhar para o outro, virando a cabeça, e, por outro, da necessidade de olhar para o outro, apesar da dificuldade, posto que cada um dos pronunciamentos dos presidentes se direcionava implicitamente ao outro. Outro propósito foi o de perceber em que momento do discurso se dava essa orientação de olhar. Desse modo, os gestos enfáticos (a orientação de olhar) foram selecionados para fundamentar a nossa argumentação. Com efeito, a orientação do olhar é algo normal em discursos, no entanto, cada presidente escolhe um momento específico durante o discurso para orientar o olhar.

## 2.2. Gestos enfáticos

No presente trabalho, o que se define como *gestos enfáticos* é a orientação do olhar (*gaze*) (cf. Argyle & Cook 1976; Argyle & Ingham 1972). Cook (1977) afirma que a orientação do olhar é algo normal nos comportamentos sociais, e é um signo não verbal, tal como a expressão facial, as posturas, os tons de voz, etc. O autor sustenta que “*gaze is defined as looking at another person in or between the eyes, or, more generally, in the upper half of the face*” (Cook 1977: 328).

A proximidade dos interactantes é um dos elementos condicionantes da regularidade

dos olhares. Assim, Argyle e Ingham (1972: 34) afirmam que, quanto maior a distância, mais se multiplicam os olhares para a outra pessoa, uma vez que é mais difícil recolher informação, dada a distância e o ângulo de visão. No entanto, a orientação do olhar é um papel desempenhado normalmente, tanto pelo falante quanto pelo ouvinte, mas principalmente pelo ouvinte para demonstrar o seu interesse no que o falante diz (Galhano-Rodrigues 2012: 16).

A primazia de considerar a orientação do olhar como gesto enfático reside no facto de possuir um valor informacional e comunicacional, como aponta Parisot (1998). Com efeito, o gesto, de forma geral, é um componente do discurso e é feito de maneira intencional. Desse modo, no caso específico da orientação do olhar, enquanto gesto enfático, o contexto é determinante para a sua interpretação e compreensão, já que um gesto desprovido de contexto não significa nada (cf. Calbris 2003) e, ainda, porque os gestos enfáticos são paralinguísticos.

Parisot (1998), ao retomar Kendon (1967), categoriza três funções caracterizadoras do olhar: informativa (recolha de informações), sinalizadora (avisar o interlocutor) e expressiva (pôr uma intenção, sentimento ou atitude em evidência). Destas, as duas últimas funções evidenciam o carácter enfático atribuído à orientação do olhar nesse trabalho, justificando o seu valor informacional e comunicacional.

Aqui, os gestos enfáticos são gestos interativos, não podendo ser considerados como lexicais, desempenhando uma função ilocutória e ilustradora do/no discurso. Os gestos enfáticos carregam características semânticas por constituírem elementos que explicam, caracterizam, modulam e coordenam as ações e atitudes dos intervenientes do discurso. Por isso, de acordo com Santos e Galvão (2012: 1059):

Não obstante, do ponto de vista semântico os gestos podem ser: Enfáticos: em geral acompanham a fala para enfatizar determinado ponto da interação por se constituir em ponto central da produção verbal, ou seja, ao enfatizar determinado elemento verbal há a atribuição da conotação de maior importância desse ponto dentro do discurso permitindo ao interlocutor perceber que naquele momento há a presença de algo que se porta como essencial ao conjunto semântico e para o qual a atenção deva se voltar, contraditórios, dêiticos, mímicos, executores, apelativos, afetivos, exibidores, descritivos, ritualísticos, desafiadores, pudicos, aprovadores/ desaprovadores.

Da mesma forma, os gestos enfáticos são, segundo Nogueira e Almeida (2016: 65),

reforçadores por terem como objetivo enfatizar aquilo que o locutor diz e serem indissociáveis do ato verbal. São gestos comunicativos que informam sobre a compreensão e a interpretação dos tópicos em discussão dentro de um contexto específico.

Nogueira e Almeida (2016), retomando Steinberg (1988), elencam dois tipos de gestos: os não codificados (aqueles que acompanham simplesmente o discurso) e os codificados (aqueles que substituem ou reforçam o discurso). Estes últimos interessam-nos por consolidarem o caráter informacional e comunicacional dos gestos enfáticos ao qual nos referimos neste trabalho.

### **3. Algumas considerações sobre o discurso político**

O conceito de discurso afigura-se complexo, o que é justificado pelas diversas correntes teóricas das ciências da linguagem (Calbris 2003; Maingueneau 1996, 2021). Todas as abordagens da Linguística vão apreender o discurso de uma forma particular de acordo com postulados específicos. Do mesmo modo, há também confluências de teorias ou de olhares metodologicamente elaborados no âmbito de outras disciplinas, como a Psicologia, a Sociologia, etc., que enxergam o discurso com uma apropriação intelectual profícua.

Neste artigo, segue-se a perspectiva de Fairclough (2016), que sustenta o uso da linguagem como prática social, que aponta três dimensões importantes para pensar o discurso: discurso como texto, discurso como prática discursiva e discurso como prática social. O autor considera o discurso como texto, por ser uma produção oral ou escrita feita por alguém; como prática discursiva, relaciona-se com o processo de produção e de consumo desta produção; e, por fim, como prática social, é uma representação das relações sociais de poder, refletindo uma forma de influenciar o destinatário de acordo com os interesses de quem o produz (Fairclough 2016: 121).

Vale ressaltar que essas dimensões se concretizam a partir do contexto em que se enuncia o discurso. Nesse sentido, Hanks (2008: 174) explicita que:

Contexto é um conceito teórico, estritamente baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de como são construídos outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros.

Em consideração a esta afirmação do autor, percebe-se que a noção de contexto se apresenta como algo não autónomo, porque diversos elementos do discurso vão moldando o contexto antes, durante e depois do discurso, como, por exemplo, os participantes do processo de produção, que são uma parte chave do contexto, o ambiente do discurso, o género do discurso, etc. No caso dos autores dos discursos em análise, o título e a obrigatoriedade de fazer um discurso politicamente correto em dois países, Benim e França, e adaptado ao contexto político são dois fatores relevantes.

No presente estudo, o foco incide sobre o ‘discurso político’. Se existe discurso político, certamente ele coexiste com outros tipos de discursos na sociedade. De facto, os discursos sociais compõem os diálogos das pessoas na sociedade. A questão é saber: qual é a importância e o impacto do discurso político?

De forma geral, o discurso político, segundo Charaudeau (2011: 16), é um posicionamento quanto às relações entre linguagem, ação, poder e verdade. Esse discurso é importante porque é pronunciado por pessoas consideradas de referência social e política, e ele deve congrega todas as energias da sociedade para suscitar uma aceitação em cada pessoa daquela sociedade (Charaudeau 2011: 40). Ademais, esse discurso deve projetar confiança e responsabilidade para a população, mas deve, também, levar essa mesma população a refletir sobre as situações sociais e políticas e os seus papéis na resolução dessas situações. Para o estudioso do discurso Charaudeau (2011), o discurso político relaciona-se com quatro elementos importantes, nomeadamente linguagem, ação, poder e verdade. Por meio desta consideração, o discurso político deve trazer uma efetividade da ação e uma concretização da verdade desta ação. Sabemos que todo discurso tem como propósito convencer. Embora os argumentos para convencer sejam muitos, o político precisa convencer a população com as suas ações para comprovar as suas verdades por meio dessas realizações.

Neste instante, vale ressaltar a proeminência da gestualidade como componente do discurso, em geral, e do discurso político, em particular. Com efeito, Calbris (1998) aponta o facto de a gestualidade ser parte da comunicação, o que implica a impossibilidade de dissociar os gestos realizados do próprio discurso. Desse modo, qualquer gesto deve ser considerado como elemento complementar para a interpretação das intenções do orador. Essa é a razão por que a autora qualifica a gestualidade na comunicação como um fator de cunho pedagógico (Calbris 1988: 11), ideia que se aproxima da visão de Kendon (2004) do gesto como sendo a parte visual do enunciado. Por outro lado, a obrigatoriedade do político em se pronunciar vem do seu comprometimento com a população através do fazer político. Desse modo, o discurso

político serve como forma de manter o contacto e de manter a população a par das ações políticas. Aqui, as ações políticas referem-se a decisões tomadas sobre diversos assuntos sociais, julgamento de valores feitos, planos de organização e de reorganização, entre outras. Em resumo, tudo o que se encaixa no fazer político com o intuito de organizar, facilitar e proteger a vida das pessoas.

Para isso, o político exerce o poder a ele conferido por lei, para alcançar o melhor resultado a partir dos seus planos de organização e de estratégia. O poder aplica-se à capacidade de influenciar o curso de algo ou criar, fazer acontecer algo novo, para alcançar um resultado desejado. Para tanto, o político dispõe de diretrizes da lei e dos atributos do seu cargo para tal propósito, sem contar a figura emblemática que representa dentro da sua sociedade. Nesse sentido, o poder político assemelha-se às ações do político. Para Hervás (2021), três conceitos resumem o poder político: a legitimidade, a soberania e a hegemonia. Hervás (2021: 253) apresenta-os desta forma:

Así, la legitimidad puede considerarse tanto *conditio* como aspiración de la soberanía; ésta, a su vez, se confunde con la hegemonía, si bien esta última categoría incorpora un sesgo contemporáneo en la medida en que asume tanto el politeísmo de valores como la atención a las demandas sociales, que considera inarmonizables.

Cada ação precisa de ser provada o mais nitidamente possível, pois cada prova representa a verdade do fazer político, a verdade da ação política. Com efeito, o lado “verdadeiro” do fazer político manifesta-se pela quantidade de provas e dados identificáveis e perceptíveis aos olhos de todos, pois a prestação de contas far-se-á com essas provas e é a partir delas que as pessoas vão oferecer a confiança do voto ao político. Da mesma forma, os conhecimentos socialmente partilhados participam dessa demonstração da verdade. Num primeiro momento, os conhecimentos partilhados dizem respeito às realidades sociais conhecidas por todos e passadas de geração para geração (Blom & Gumperz 2002) e constituem um recurso eficaz no discurso, servindo tanto como argumentação, quanto exemplo. Num segundo momento, as ações políticas visíveis e notáveis tornam-se conhecimentos partilhados, no sentido de serem da apreciação de todos.

#### 4. Parâmetros a considerar

A fala caracteriza-se aqui em enunciações verbais (Benveniste 1976) com o intuito de exprimir uma ideia ou um pensamento. Desse modo, a expressividade verbal parte de uma organização mental, uma produção e uma enunciação do pensamento. O discurso político caracteriza-se por um grau de formalidade devido ao estatuto dos oradores e ao contexto pragmático em que o discurso é pronunciado. Esse lado formal é de suma importância por ter de seguir regras de elaboração e estruturação. Por isso, Van Dijk (1996: 50) explica que:

Un lenguaje, tanto natural como artificial, puede definirse como un conjunto de expresiones simbólicas. En un lenguaje formal este conjunto se define estrictamente: las reglas estipulan qué es una expresión de un lenguaje formal particular y qué no es. Al igual que en gramática, hablamos aquí de reglas de sintaxis, en concreto, de reglas que definen qué expresiones están bien formadas y se llaman reglas de formación.

Deste facto, percebe-se, nos dados em análise, uma adequação sintática formal e uma organização dos discursos, dividindo-os em partes, nas quais argumentos específicos foram desenvolvidos para seguir o cumprimento dessas regras de formação expressas pelo orador. Cada tópico de discurso foi apresentado com uma sequência de conjuntos de proposições e dados, para deixar as ideias o mais claras possível.

#### 5. Análise do *corpus*

##### 5.1. Da recolha para a metodologia de análise

A análise dos dados foi feita com suporte do programa ELAN, um instrumento que permitiu fazer uma segmentação precisa dos gestos, tendo em vista a sua coordenação com a fala dos pontos de vista temporal, semântico e formal. De igual modo, o uso desse programa possibilitou a categorização das partes dos discursos dos dois presidentes: a orientação da cabeça e a manutenção do olhar enquanto o falante segue o seu discurso. Com o modelo de transcrição GAT, as falas foram segmentadas de acordo com os gestos que as seguem logo após ou durante a enunciação, o que possibilitou que a combinação *fala* e *gesto* fosse feita com mais precisão.

De acordo com o propósito do presente trabalho, e relembramos que, o gesto em foco é

o movimento de girar a cabeça para olhar o interlocutor que está ao lado. Esse gesto não é o mesmo quando se trata de um pronunciamento a um público que está em frente ao orador, já que, nesse caso, ele levanta a cabeça para perceber o público que está escutando o pronunciamento. No presente contexto, supõe-se que o orador do discurso preste atenção ao público, levantando a cabeça, e também preste atenção, sobretudo, ao colega que está ao lado, girando a cabeça, movimentando todo o dorso para olhar. Para um tal evento gestual, temos como posição inicial a imagem a seguir:



Imagem 1. Posição inicial<sup>2</sup>

Considerando a presente imagem, podemos perceber que os dois púlpitos foram colocados em um alinhamento geométrico horizontal. Isso significa que os dois presidentes têm a única opção de estar um do lado do outro, como mostra a imagem, pois a conferência é normalmente dada ao coletivo de pessoas de variadas funções presentes no local. Para olhar o outro da sua posição inicial, cada um dos presidentes precisaria girar a cabeça, fazendo uma curva de 90°. Esse movimento é mais difícil do que um simples movimento de levantamento de cabeça. Com um movimento não muito fácil e a obrigatoriedade de fazer um discurso eloquente sem deixar o movimento da cabeça atrapalhar, cada presidente adotou a estratégia de girar todo o corpo com uma curva de 90° na maioria das vezes que quis olhar o seu homólogo, como apontam as imagens a seguir.

---

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/07/27/deplacement-du-president-de-la-republique-au-benin>.



Imagem 2. Talon<sup>3</sup>



Imagem 3. Macron<sup>4</sup>

A partir das presentes imagens, nota-se com mais clareza o movimento feito pelos dois presidentes para direcionar o olhar um para o outro ou prestar atenção ao seu discurso. Esse movimento fez com que eles se isolassem do microfone e deixassem comprometida a audibilidade do som da voz, podendo provocar, talvez, uma quebra de acompanhamento dos argumentos do discurso. Desse modo, ao virar a cabeça, precisavam tomar o cuidado de monitorar o tom da voz para que essa seja suficientemente forte para entrar no microfone e ser audível por todos. Da mesma forma, quando cada um dos presidentes volta à posição inicial, ele deve reajustar o tom da voz para não manter a altura de quando desviou a cabeça, correndo o risco de a voz sair muito forte ao microfone. Assim, o microfone condiciona a postura ao

<sup>3</sup> Fonte: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/07/27/deplacement-du-president-de-la-republique-au-benin>.

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/07/27/deplacement-du-president-de-la-republique-au-benin>.

falar. Em suma, é um único gesto com envolvimento diversos e com o seu leque de dificuldades na realização; no entanto, é muito representativo nos pronunciamentos dos dois presidentes.

### 5.1.1. A orientação do olhar como gesto enfático no discurso político

A questão dos gestos, tratada aqui a partir do pronunciamento feito pelos presidentes Talon e Macron no dia 27 de julho de 2022, baseou-se na quantidade da movimentação de cabeça feita por cada um dos líderes dos dois países, Benim e França, durante o discurso. Podemos considerar a tabela a seguir:

Talon		Macron	
Curta duração	Longa duração	Curta duração	Longa duração
57	2	31	22

Tabela. 1

Esta tabela sintetiza as ocorrências e ilustra o nosso interesse por esse trabalho, pelo facto de os gestos de cabeça feitos pelos presidentes Talon e Macron durante o pronunciamento terem chamado bastante a atenção, no que diz respeito ao próprio ato de sua realização. Cada um dos autores realiza um gesto de uma forma específica. Isso ressalta o feito, porque, por mais que os gestos se configurem da mesma forma, não foram realizados com a mesma duração, nem com os mesmos propósitos, pelos dois presidentes. Nesse sentido, Calbris (2003 : 32) afirma que:

Le codage étant lié à la perception, activité éminemment sélective et interprétative, il se produit un phénomène de feed-back réciproque entre perception et interprétation. Activité sélective, l’observateur ne voit que les éléments interprétables, c’est-à-dire ceux qui sont subjectivement pertinents. Ainsi, la perception est pré-interprétative. L’interprétation dépend elle-même du nombre de la richesse des éléments perçus (orientations, mouvement des divers éléments corporels dont certains comme la paume ou les doigts peuvent adopter des configurations différentes.

Desse modo, as características dos gestos em relação à sua duração, acompanhados das mensagens vocais proferidas, funcionaram como estímulo para desenvolver o nosso interesse por este trabalho. Em conformidade com os dados organizados, os gestos tiveram durabilidade

de realização variada, para assinalar o propósito informativo de cada um dos intervenientes em relação a todo o discurso e também em relação a enunciados específicos.

Patrice Talon, o Presidente da República do Benim, no seu discurso, de acordo com o vídeo coletado no site do Elysée<sup>5</sup>, manteve a vez, no seu pronunciamento, durante 13 minutos e 47 segundos. No decorrer desse ato discursivo, realizou 59 vezes o gesto de orientação de cabeça até 90°. Dessas, 2 foram de longa duração e 57 foram de curta duração.

Porém, o que mais interessa na realização do gesto não é apenas o gesto em si, mas também o momento do discurso em que esses gestos tendem a ser realizados. Com efeito, por ser natural a demonstração de respeito e consideração, ou por estratégia de sedução relativa à audiência do outro, o presidente Talon, durante o seu discurso, efetuou esse gesto no final de frases. Isso poderia ser considerado como uma coisa normal ou banal, quando se leva em consideração as regras de pontuação, que estipulam que os pontos finais marcam lugares indicados para efetuar uma pausa. Nesse caso, essa pausa seria o momento de olhar rapidamente para o homólogo do lado. Porém, o que se verifica é que o presidente Talon olhava para o presidente Macron no final de frases que continham um convite ou que exaltavam as relações passadas e futuras entre os dois países, para fortalecer a parceria existente. Vamos considerar a seguinte transcrição de excertos do discurso de Talon.

{00:50} 01 T: En effet, sans tambour, la coopération entre nos deux pays a connu ces cinq dernières années un développement sans pareil.

02 (--)

{3:11} 03 T: Je peux dire que (euh), si je dois qualifier nos relations sur ces derniers temps, je dirais qu'elles sont décomplexées.

04 (--)

{6:28} 05 T: nous avons évoqué et convenu avec vous et vos équipes, que la France nous appuierait d'avantage dans notre effort de lutte contre le terrorisme, parce que

---

<sup>5</sup> <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/07/27/deplacement-du-president-de-la-republique-au-benin>  
 Volume 12 | N.º 2 | 2023 | <https://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/>  
 DOI: [https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12\\_2a4](https://doi.org/10.21747/1647-4058/eling12_2a4)

aujourd'hui, c'est l'un des principaux défis; et  
malheureusement, permettez que je le répète, nous  
n'avons pas encore obtenu gain de cause.

Os dois primeiros excertos relacionam-se com uma estratégia discursiva de exaltar o que se tem feito entre os dois países, em período quinquenal, em diversas áreas da organização política interna e de cooperação entre países com passados ligados que querem andar juntos no presente e no futuro, de acordo com o que Talon deixou transparecer nas suas falas. O último excerto parece funcionar como um convite ou um pedido de cooperação no âmbito militar, para que Benim possa enfrentar com maior êxito a questão do terrorismo que se desenvolve na parte norte do país, vindo de países como Nigéria ou Burkina Faso. Diante de tudo isso, torna-se relevante perceber a razão pela qual parece existir uma necessidade de virar a cabeça para olhar o presidente Macron logo após enunciar essas frases. Vamos considerar as imagens<sup>6</sup> a seguir:



Imagem 4. Exaltar-1



Imagem 5. Exaltar-2

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/07/27/deplacement-du-president-de-la-republique-au-benin>.



Imagem 6. Âmbito militar

As imagens mostram três atitudes diferentes na ação de girar a cabeça para olhar o presidente Macron, todas ligadas por um gesto comum, o sorriso. Com efeito, percebe-se um sorriso meio aberto na primeira imagem deste bloco, um sorriso muito aberto na segunda e um sorriso irónico na última. Os dois primeiros enunciados, consagrados a enobrecer de que forma e a que ponto se encontram as relações de cooperação entre os dois países, extravasados nos primeiros instantes do discurso e nas primeiras frases do mesmo, tendem a colocar um *décor* agradável para o seguimento do discurso e, talvez, uma matéria para se orgulhar, bem como, implicitamente, um incentivo a mais ações de cooperação. Isso justifica-se pelo sorriso nítido que se pode testemunhar no rosto do presidente Talon nas imagens 4 e 5. A orientação da cabeça naquele momento constitui um ato ilocutório com o propósito de agradecer e manifestar satisfação de tudo que foi feito até ao momento.

Já no excerto 5, juntamente com a imagem 6, pode-se perceber um elemento a mais na ação giratória da cabeça. Com efeito, o enunciado do presidente Talon refere-se ao que foi pensado a respeito das ações do presidente Macron e da sua equipa: a França apoiaria o Benim na luta contra o terrorismo. No entanto, no final do enunciado, a seguinte frase “*permettez que je le répète, nous n’avons pas encore obtenu gain de cause*” aponta para o facto de não haver ações reais no sentido de ajudar concretamente o Benim a fazer essa luta contra o terrorismo. Em outras palavras, isso seria um assunto importante para o Benim, dado que pessoas estão a morrer, e essa situação pode provocar um desequilíbrio do país, como acontece noutros. Com essa afirmação, nota-se que Talon, além de virar a cabeça, como nas imagens precedentes, ainda orienta o dedo indicador no mesmo sentido da cabeça, o que configura um gesto deíctico. A cabeça orientada e o dedo apontado no mesmo sentido demonstram que a mensagem endereçada à França, representada na figura do seu presidente, é séria e importante para a República do Benim. Essa orientação do olhar é interpretada como um ato ilocutório com a

intenção de reclamar por não ter sido obtida uma resposta ao pedido (cf. Almeida 2016).

Essa seriedade justifica-se pelo facto de o Benim ter de passar pela diplomacia de França para comprar armas para o exército beninense. Por outras palavras, o Benim está sujeito a restrições na aquisição de armas para a luta contra o terrorismo em seu território, precisando da colaboração de França, ou de qualquer outro país do mundo, para comprar o arsenal em lugar do Benim. Os dois presidentes ressaltaram esse facto nos discursos. Assim, com essa informação, pode perceber-se toda a seriedade que o presidente Talon expressa no seu discurso, girando a cabeça, com o dedo incisivamente apontado na direção do presidente Macron. Como afirmou o presidente beninense no seu discurso, o Benim tem condições financeiras de comprar as armas, porém, está restrito pelos tratados sobre compra e venda de armas na esfera mundial.

Em resumo, o presidente Talon, ao girar a cabeça, fazendo um desvio de 90°, realiza-o no final de determinadas frases, com o objetivo de reforçar a seriedade do que diz, com atos ilocutórios variados. Sério para si, sério para o país; é uma questão de segurança nacional. Parece ser esta a mensagem implícita no discurso que ele lança ao seu homólogo, o presidente da França, por meio desses gestos coordenados. Da mesma forma, as frases para exaltar a cooperação quinquenal representam também uma mensagem para o povo beninense, uma vez que o presidente se refere às ações do seu primeiro mandato, que, segundo ele, nunca tinha atingido uma média tão alta nos últimos trinta anos como se verificou num período de 5 anos. Ou seja, na gestão governamental dele, houve grandes avanços. Do mesmo modo, o terceiro excerto é mais uma forma de conscientizar e de convidar a população a ser testemunha das ações do governo para lutar contra o terrorismo que castiga o norte do país.

Do outro lado, Emmanuel Macron, presidente da República Francesa, durante o seu discurso, efetuou o mesmo gesto de orientação de cabeça para olhar o presidente Talon, embora não com a mesma estratégia, nem nos mesmos contextos discursivos. De toda a evidência, o gesto continuou a cumprir a lógica enfática no discurso, constituindo também um ato ilocutório, porém, sem a mesma manifestação. Com efeito, o discurso do presidente francês durou 18 minutos e 56 segundos. No decurso desse discurso, ele reproduziu o mesmo gesto 53 vezes, divididos em 31 com curta duração e 22 com longa duração.

A primazia dos gestos de Macron marca uma notável diferença entre a forma de realização do gesto dele e a de Talon, nomeadamente o facto de ele realizar esse gesto, não no final das frases, mas durante o pronunciamento das mesmas. Assim, em vários momentos, o presidente francês fez o gesto enquanto enunciava as frases, o que pode ser considerado um comportamento cultural ou um costume individual. Porém, naquele momento, há uma

mensagem implícita por trás disso, já que a realização do gesto não é tão fácil, devido à curva de 90° que precisa de ser feita. Este comportamento pode, então, ser interpretado como uma forma de deixar transparecer confiança e vontade da autoridade francesa, mas, também, como uma forma de recuar, ou de não poder comprometer-se explicitamente, por estar limitado por processos administrativos no seu país, que não facilitariam esse comprometimento. Vamos considerar os excertos a seguir.

{ 13:58} 01 M: je vous dis combien je suis heureux avec la délégation

qui m’accompagne ici à vos côtés à Cotonou, dans le  
cadre de ce premier déplacement en Afrique depuis  
ma réélection

02 (--)

{ 17:20} 03 M: je serais extrêmement fier, monsieur le président, si cela

est possible, si on arrive à ménager il n’y a pas de  
réserve de votre côté; mais de pouvoir accueillir à  
paris l’exposition que nous venons de voir aujourd’hui  
à Cotonou des artistes contemporains

Considerando as afirmações expostas na presente análise, pode perceber-se que a primeira desempenha um papel introdutório de reconhecimento do acolhimento que foi dado ao presidente e à delegação que o acompanhou nas terras beninenses. Durante esta enunciação, o presidente Macron realizou duas vezes o gesto de orientação de cabeça, de curta duração, durante o seu discurso, diferentemente do presidente Talon, que realizava o mesmo gesto em fim de frase. Isso quer dizer, certamente, algo mais do que as palavras enunciaram. De todo modo, a mensagem de agradecimento de acolhimento é normal; no entanto, enunciar isso e, simultaneamente, cumprir este gesto aponta para a real alegria e satisfação do acolhimento que foi reservado. Assim, essa recepção parece ter impactado a delegação francesa, já que o Benim não foi o primeiro país visitado na série de visitas feitas por Macron.

Diferentemente do primeiro excerto, o gesto realizado no decorrer do segundo foi de

longa duração. Vamos considerar as seguintes imagens<sup>7</sup>:



Imagem 7. Agradecimento



Imagem 8. Convite

As duas imagens aqui apresentadas mostram a realização no tempo, desde o seu início até à sua total realização, do gesto de orientação de cabeça. Como se pode compreender, a ideia da afirmação é que *a exposição artística* vista por Macron em Cotonou seja realizada em Paris, a partir de uma negociação entre os governos. Desse modo, o primeiro gesto foi realizado quando Macron pronunciou “*si cela est possible*”, que marca o início do movimento. A imagem mostra que, além do movimento de cabeça, toda a mão está orientada na direção de Talon. A enunciação e a mão estendida apenas têm uma informação, cuja interpretação poderá ser semelhante a “gostaríamos que isso acontecesse, no entanto, entenderemos se isso não for possível”. Isso é uma forma de respeito e de consideração do presidente Macron, entendendo

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/07/27/deplacement-du-president-de-la-republique-au-benin>

as dificuldades administrativas de efetivar algumas ações políticas. Assim, esse gesto enfático constitui um ato ilocutório de pedido.

A segunda imagem desse bloco mostra a continuação da expressão da intenção do presidente francês e o seu desejo de que essa exposição artística se realizasse em Paris. Assim, a última parte da enunciação, “... mais de pouvoir accueillir à Paris l’exposition que nous venons de voir aujourd’hui à Cotonou des artistes contemporains”, condiz com a Imagem 8. Ao enunciar esse trecho, ele orientou a cabeça por completo e mantendo-a nessa posição até terminar a sua ideia. A mensagem aqui implícita é a de que Macron gostou da exposição e desejaria que a mesma fosse realizada para a população francesa em Paris. Isso seria importante para novos rumos de cooperação no âmbito cultural, considerando que, há alguns meses, a França restituiu ao Benim algumas obras da época colonial, que pertenciam ao Benim e que haviam sido levadas para França.

## 6. Considerações finais

A questão da gestualidade vem mostrando o quanto cada gesto representa uma fonte primária de informações no discurso político. No presente artigo, foi possível demonstrar como um gesto aparentemente igual, feito por Talon e Macron, apresenta subtilezas, detalhes na sua realização, que querem dizer coisas diferentes se considerarmos o discurso feito e o momento do discurso em que o gesto foi realizado. O gesto aqui analisado foi a orientação de cabeça, fazendo uma curva de 90°, em discurso de conferência de imprensa. De facto, percebeu-se que Talon realizou o gesto em momentos específicos do discurso, no final de frases, procurando ser incisivo e, ao mesmo tempo, garantir que o seu interlocutor captava a profundidade dos sentidos da mensagem que ele estava a expressar. Já Macron realizou o mesmo gesto durante a enunciação das frases, demonstrando interesse em cooperar com os objetivos do governo beninense e, ao mesmo tempo, demonstrando um recuo para não se comprometer por completo. Em suma, podemos concluir que a gestualidade cumpre o seu papel, não apenas de coadjuvante, mas também de elemento determinante na composição dos sentidos que circulam no campo do discurso político.

## Referências

Almeida, C. A. 2016. “Conselho de amigo, aviso do céu”: contributos para a análise semântico-pragmática dos atos ilocutórios de conselho e de aviso em confronto com o de ameaça. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* (2): 1-29.

- Argyle, M.; Cook, M. 1976. *Gaze and mutual gaze*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Argyle, M.; Ingham, R. 1972. *Gaze, Mutual Gaze, and Proximity*. *Semiotica* 6(1): 32-49. <https://doi.org/10.1515/semi.1972.6.1.32>
- Benveniste, E. 1976. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Blom, J. P.; Gumperz, J. J. 2002. O significado social na estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In *Sociolinguística Interacional* (45-84). Porto Alegre: Age.
- Calbris, G. 2003. *L'expression gestuelle de la pensée d'un homme politique*. CNRS.
- Calbris, G. 1998. *Geste et images*. *Semiotica* 118(1-2): 105-120. <https://doi.org/10.1515/semi.1998.118.1-2.105>
- Charaudeau, P. 2011. *Discurso político*. São Paulo: Editora Contexto.
- Cook, M. 1977. *Gaze and Mutual Gaze in Social Encounters: How long—and when—we look others" in the eye" is one of the main signals in nonverbal communication*. *American Scientist* 65(3), 328-333.
- Fairclough, N. 2016. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB.
- Galhano-Rodrigues, I. M. 2012. *Vou buscar ali, ali acima!*. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 7: 129-164.
- Galhano-Rodrigues, I. M. 2006. *Modalidades verbais e não-verbais na interacção face a face: duas reparações*. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos* 10 (1-2): 1-19.
- Galhano-Rodrigues, I. M. 2003. *Fala e movimentos do corpo na interacção face a face: estratégias de reparação e de (des) focalização e co-funções conversacionais na manutenção de vez*. Tese de doutoramento, Universidade do Porto.
- Gumperz, J. J. 2002. *Convenções de contextualização*. In *Sociolinguística Interacional* (149-182). Porto Alegre: Age.
- Hanks, W. F. 2008. *O que é contexto*. In *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez.
- Hervás, A. G. 2021. *Conceptos políticos fundamentales: un análisis contemporáneo*. Centro de Estudios Políticos y Constitucionales.
- Kendon, A. 2004. *Gesture: Visible action as utterance*. Reino Unido: Cambridge University Press.
- Kendon, A. 2013. *Gesture as a window onto mind and brain, and the relationship to linguistic relativity and ontogenesis*. In *Body—Language—Communication: An international handbook on multimodality in human interaction* (1, 28-54). Berlim - Nova Iorque: Walter de Gruyter.
- Maingueneau, D. 2021. *Discours et analyse du discours: Une introduction*. 2.e édition. Paris: Armand Colin.
- Maingueneau, D. 1996. *Jean Dubois et les débuts de l'analyse du discours en France: quelques réflexions*. *Linx* 34(1): 27-33.
- McNeill, D. 1992. *Hand and Mind: What Gestures Reveal about Thought*. Chicago: University of Chicago Press.
- Nogueira, A. M.; Almeida, M. 2002. *O Papel Dos Atos Cinésicos Em Uma Entrevista Televisiva*. *MOARA - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras* 1(17): 61-74.
- Oliveira, M. C. L. de; Pereira, M. G. D. 2016. *A Sociolinguística e Análise do discurso*. In *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução* (123-134). São Paulo: Editora Contexto.

- Parisot, A. M. 1998. Description de l'organisation du système des alternances conversationnelles en langue des signes québécoise. Dissertação de mestrado, Université du Québec à Montreal.
- Santos, F. J. C. dos; Galvão, M. A. M. 2012. Os Elementos Enfáticos Na Organização Tópica Discursiva Na Sala De Aulas: Uma Construção Semântica Do Discurso Professor-Aluno. Cadernos do CNLF – Anais do XVI CNLF (Vol. XVI, N.º 04, t. 1, 1055-1065). Rio de Janeiro: Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos.
- Van Dijk, T. A. 1996. Cognição, discurso e interação. São Paulo: Editora Contexto.
- Vezali, P. 2012. O corpo: considerações acerca da relação entre fala e gesto. Revista do Lume, 1-15.